

“E EU TÔ AQUI SOFREDO”: UMA ENTREVISTA E OS VÁRIOS FENÔMENOS SOCIOLINGUÍSTICOS INTERACIONAIS

Mariana de Castro Atallah*

Mayara de Oliveira Nogueira*

Resumo: Propomo-nos, no presente trabalho, a analisar um fragmento de uma entrevista realizada no ano de 2012, na cidade de Serra, município integrante da Grande Vitória (estado do Espírito Santo), gravada em vídeo e áudio, com uma idosa que vive em uma instituição de longa permanência (de caráter filantrópico) desta cidade. Tencionamos explorar, numa perspectiva que se alinha à Sociolinguística Interacional, fenômenos tais quais o de enquadre, *footing* (GOFFMAN, 1964; 1974), organização sequencial de fala (SACKS, JEFFERSON E SCHEGLOGG, 1974; PSATHAS, 1995) e, em especial, a fala institucional (JUNG; LORDER, 2009). A entrevista foi feita pelo método etnográfico de pesquisa em campo e transcrita com base nos estudos da Análise da Conversa; a interação foi realizada numa sala médica existente no interior da instituição e contou com quatro participantes: as duas pesquisadoras, uma idosa e uma enfermeira. Buscamos, outrossim, apresentar alguns conceitos-chave da Sociolinguística Interacional e empregá-los em nossa análise.

Palavras-chave: Sociolinguística Interacional. Análise da Conversa. Entrevista.

Abstract: We propose, in this study, analyse a fragment of an interview conducted in 2012 in the city of Serra, in Grande Vitoria (Espírito Santo), recorded on video and audio, with an elderly woman who lives in a rest home (philanthropic). We intend to explore a perspective that aligns the Interactional Sociolinguistics, such phenomena like frame, footing (GOFFMAN, 1964, 1974), sequential organization of speech (SACKS, AND JEFFERSON SCHEGLOGG, 1974; PSATHAS, 1995) and, in particular, institutional speech (JUNG; LORDER, 2009). The interview was made by the method of ethnographic field research and the transcription is based on studies of Conversation Analysis; interaction was conducted in a medical room inside the institution and featured four participants: the two researchers, an elderly woman and a nurse. We seek, instead, to present some key concepts of Interactional Sociolinguistics and employ them in our analysis.

Keywords: Interactional Sociolinguistic. Conversation Analysis. Interview.

INTRODUÇÃO

Tencionamos, no presente artigo, aplicar alguns conceitos da Sociolinguística Interacional, com interface na Análise da Conversa, ao *corpus* selecionado, qual seja: uma interação entre uma participante que vive numa instituição de longa permanência e

* Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. Bolsista CAPES. nanatallah@hotmail.com

* Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil. Bolsista FAPES. nogueiradv@hotmail.com

duas estudantes de mestrado do curso de Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (autoras do presente trabalho). Para tanto, serão abordados alguns posicionamentos teóricos acerca desse tipo de dado e a consequência de uma análise interpretativa, no item denominado “entrevista sociolinguística”. Baseando-nos no paradigma interpretativo, abordaremos a entrevista sociolinguística nas perspectivas de autores como Passuelo e Ostermann (2007), Labov (2007) e Levinson (2005).

No item seguinte, apresentamos os pressupostos teóricos que sustentam nosso estudo, pressupostos estes que optamos por dividir do seguinte modo: contexto; enquadres e *footings*; e fala institucional. Tais categorias são apresentadas por aparecerem nos dados escolhidos para a análise.

Posteriormente, descrevemos a metodologia comumente realizada nas pesquisas de campo da Sociolinguística Interacional da segunda tendência, a qual “volta-se para a fala, o discurso, como forma de compreender as unidades linguísticas aí encontradas, traduzindo o interesse específico em compreender como as unidades linguísticas funcionam nas conversações.” (PEREIRA, 2002, p. 08)

Por fim, analisamos os dados levantados, de acordo com as categorias ora apontadas. A gravação que compõe o *corpus* de análise se refere a uma interação entre duas estudantes (*Mariana e Mayara*), uma participante ficticiamente denominada como *Maria* (nome fictício) e uma quarta participante, que foi intitulada, neste trabalho, por uma de suas identidades sociais como *enfermeira*. O estudo da fala de idosos numa instituição asilar mostrou-se relevante tanto por possibilitar a compreensão da interferência do ator sócio-institucional na conversa quanto por trazer à tona marcas linguísticas que sinalizam a situação de abandono. Assim exposto, apresentamos, ao cabo, nossas considerações finais.

Entrevista Sociolinguística

Formado por dados gerados em entrevistas, o *corpus* de análise do presente artigo consiste em gravações – em áudio e vídeo – executada e elaborada pelas próprias autoras deste trabalho. No que tange às indagações idealizadas para a entrevista, preparamos, previamente, uma série de perguntas que nos levasse a compreender como os idosos vivem (e enxergam sua condição) na específica situação de se viver numa instituição asilar. Para tanto, questionamo-lhes a respeito de aspectos relativos à vida pessoal, profissional, anterior e atual. Apesar da formulação de algumas perguntas para a entrevista e sua posterior incorporação na conversa, procuramos, de fato, conduzi-la

do modo mais natural possível, fazendo com que os próprios interlocutores se esquecessem da gravação.

Harold Garfinkel nos anos 60, quando publicou sua obra intitulada *Studies in Ethnomethodology*, inicia um “novo olhar” aos estudos da linguagem aplicando em suas análises a Etnometodologia, que por sua vez, traz um paradigma interpretativo. A mudança principal ocorreu fundamentalmente em investigar a fala-em-interação, de modo que tencionava entender a organização da produção dos discursos das pessoas e a maneira como essas relações são relevantes no contexto situado. A chamada Análise da Conversa (*doravante* AC) advém desse estudo e, a mais importante característica para essa ascensão, na construção teórica, foi a tentativa de demonstrar “que a conversa não é uma ação tão caótica quanto parece e que as pessoas se organizam socialmente através da fala” (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 03). Assim, os estudiosos interessados nesse tipo de teoria, os chamados analistas da conversa, começaram a observar o *micro*, entendido como discursivo e situacional, fazendo gravações e transcrições a partir desta metodologia. Observando, por fim, que há uma ordem no discurso.

A partir de então, muitos autores defenderam a ideia de que a entrevista, por exemplo, é um tipo de gênero que não deve ser analisado pela AC, já que essa teoria se presta ao estudo, prioritariamente, da conversa cotidiana, gênero que tem por uma de suas características centrais a naturalidade (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009, p. 04). Inseridos nesta mesma corrente, outros pesquisadores não consideram que o gênero *entrevista* possa fazer parte dos estudos de conversa espontânea justamente pelo fato de ser, ao menos, semiestruturada antes do encontro.

Creemos, no entanto, que a categorização/interação específica das pessoas que estruturam o turno P/R/P/R/P/R, nomeadas por entrevistador e entrevistado, relacionam-se, na medida em que realizam a tarefa em conjunto, coconstruindo os sentidos ali produzidos. Nesse esteio, em Schneider (2000, p. 162 *apud* PASSUELO; OSTERMANN, 2007, p. 244), “os entrevistadores não são mais entendidos simplesmente como os condutores para respostas, mas como altamente envolvidos na produção das respostas”. Ademais, levando em conta aquilo que inicialmente foi denominado por Labov (1972) como o *paradoxo do observador*, alguns estudiosos partem de tal questionamento (de origem variacionista) e se pautam no paradigma sociointeracional (linha interacional), valendo-se de algumas técnicas para que a entrevista em si não se torne um fator de distanciamento para um estudo de conversa

espontânea. Uma destas técnicas é conhecer os participantes antes de gravar a entrevista e, caso seja possível, passar ao menos um dia com os participantes antes de efetuar uma gravação. Este momento anterior à coleta dos dados é, na verdade, de cunho subjetivo, uma vez que o entrevistador perceberá – sem, necessariamente, estar pautado rigorosamente por dada teoria – quando o entrevistando se sentirá à vontade para uma conversa espontânea. Outra estratégia é considerar prioritariamente os dados após sete minutos de gravação (LABOV, 1972), momento em que, acredita-se, o entrevistando estará mais distanciado do monitoramento dos instrumentos de gravação. As estratégias ora apontadas refletem, na verdade, o esforço do pesquisador em tornar a conversa mais natural possível.

Considerando o fato de que mesmo em conversas do dia-a-dia, isto é, aquelas menos monitoradas e mais espontâneas, não tomamos a palavra em qualquer momento, acreditamos que a entrevista não deixa de ser uma interação válida e passível de análise, tendo em vista que, muitas vezes, poderá tal gênero ser caracterizado também em razão da espontaneidade por parte dos participantes.

Levinson (2009) sugere, (que) a entrevista é composta de sequências de falas – tecnicamente conhecidas como turnos de fala – de perguntas e respostas. Turnos de fala podem ser definidos como enunciados contendo uma palavra, como sim, ou mesmo ahã, até enunciados bem mais longos e sintaticamente complicados. (PASSUELO; OSTERMANN, 2007, p. 244)

Gostaríamos de ressaltar, ainda, no que tange às questões teóricas e metodológicas ora apontadas, o fato de o gênero *entrevista* conter diversos pontos de vista, entre eles, o do sujeito que elabora e executa entrevista, bem como daquele a quem se dirigem os questionamentos (imagens construídas pelo entrevistado), desembocando, por fim, na percepção do analista. Nos dados deste artigo, a entrevista foi realizada por duas entrevistadoras, as quais correspondem, outrossim, às analistas do trabalho em questão.

Entendemos o risco que corremos na interpretação dos dados, entretanto, concordamos com a afirmação de Yves Winkin (1998), para quem “a posição de observador participante pode gerar sérias dificuldades pessoais e interpessoais”, contudo, “não invalida o estatuto científico do antropólogo” (WINKING, 1998, p. 160). A espécie de entrevista sociolinguística utilizada neste trabalho, todavia, pauta-se no método etnográfico de campo, que, em parte, é utilizado como estratégia adequada a conduzir a entrevista para uma conversa espontânea. Desse modo, a teoria sobre a qual

nos basearemos para análise dos dados parte do pressuposto antropológico aplicado ao estudo linguístico, seguindo sua concepção atual que

tendem a explorar tópicos mais específicos e testar hipóteses particulares. Dentro dessa tendência, estão os sociolinguistas qualitativos, que se ocupam com o estudo do uso da linguagem, dando origem a muitas microetnografias, as chamadas etnografias da fala (HYMES, 1972). O estudo etnográfico teria como principais características: (i) o etnógrafo entra no seu campo de pesquisa como aprendiz; (ii) as questões de pesquisa surgem durante o processo de observação participante, bem como as hipóteses para responder a tais questões; e (iii) a descrição etnográfica deve ter como premissa que todos os fenômenos estão interconectados. (LADEIRA, 2007, p.45)

Necessário ainda salientar a importância de se compreender a noção de *competência comunicativa* proposta por Dell Hymes, na década 1970. Tal autor analisa a questão de competência e traz novos aportes para esse conceito, reformulando-o principalmente no que Chomsky chama de *apropriação, adequação*¹. Hymes critica tal postulado, defendendo que a competência não se refere a uma capacidade inata do homem de se valer da linguagem, como queria Chomsky, mas sim à análise de um contexto social, ou seja, o uso da língua em um contexto real e, por ser social, construído por uma dada sociedade num dado momento. Nesse sentido, os participantes de uma conversa, incluindo os do gênero entrevista, possuem a “competência” de se comunicar. Para Nasser e Oushiro (2010)

em situações conversacionais, os falantes sabem, de acordo com a competência adquirida, quando e o que falar, e para quem, quando, onde, de que modo. Dessa forma, na ocasião da entrevista sociolinguística, os participantes têm consciência dos papéis que lhe são atribuídos. (NASSER, OUSHIRO, 2010, p. 03)

Para tanto é preciso esclarecer que isso é apenas um dos pontos para analisar uma interação. Como afirma Marcuschi (2007, p. 119) “não podemos confiar apenas nas características estruturais da interação nem nas propriedades comunicativas da língua, nem dos contextos físicos (imediatos) de produção da interação”, devemos, no entanto, “estar atentos para o que os falantes fazem com tudo isso”. Isto quer dizer que, “o modelo interacional é muito menos dependente do código do que os outros e

¹ Chomsky (1971) apresenta dois conceitos: competência e desempenho. O ponto principal para entendê-los é saber que seu interesse está na competência dos falantes e no que as línguas têm em comum. Embora este autor tenha conseguido desenvolver um estudo teórico da relação entre a língua e o comportamento humano, foi bastante criticado, posteriormente, por deixar de lado os aspectos comunicacionais, por idealizar uma comunidade linguística como homogênea e por conceber um falante-ouvinte ideal.

constitui um modelo que opera crucialmente com a *informação situada*” (MARCUSCHI, 2007, p. 119).

Pressupostos teóricos

O referencial teórico deste artigo, como anteriormente apontado, é a Sociolinguística Interacional, paradigma que segue o método qualitativo e interpretativo de análise. Tomamos como paradigma tal teoria por acreditarmos que possui uma ampla metodologia, de base interpretativa e qualitativa, adequada para análise dos fenômenos interacionais. O modelo em questão – que nada mais é que uma forma de fazer análise do discurso numa perspectiva interacional e que concebe a língua enquanto fenômeno social – é estabelecido a partir de contribuições de diversas áreas tais como a Linguística, a Sociologia e a Antropologia.

Na sociolinguística Interacional, são focalizadas interações situadas no relacionamento entre participantes de pequenos grupos de comunidades específicas ou no cruzamento cultural (cf. Bell, 1976:25-8). O estudo da relação entre língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos (cf. Ribeiro e Garcez, 1998:11). Podem ser considerados, para estudo, tanto gêneros espontâneos, como a conversa entre amigos, gêneros produzidos em contextos institucionais, como uma consulta médica, uma entrevista, um debate acadêmico, uma aula, um sermão religioso, uma negociação empresarial, dentre outros (cf. Tannen, 1992:9) (PEREIRA, 2002, p. 08)

São nos momentos de interação que as pessoas constroem, através da língua, o significado social. Dessa maneira, os estudos dessa corrente teórica se aplicam ao contexto interacional em curso. Seus objetos de análise se situam nos padrões linguísticos e paralinguísticos, no *aqui* e *agora* do momento interacional. O *aqui* direciona a interpretação para o contexto situacional, e o *agora* remete ao momento da interação em curso. Trata-se de uma análise que vai do *micro* (discursivo – entendido no sentido estrito; sequência de palavras no ato de fala e situacional – cenário e participantes) ao *macro* (histórico/cultural – em que momento estamos, os valores, a cultura do lugar).

Em *Convenções de Contextualização* (1998), Gumperz propõe a noção de *pistas* de contextualização (convenção contextualizada), as quais englobam as *pistas linguísticas* (análise da linguagem verbal) e as *pistas paralinguísticas* (análise centrada nas intenções comunicativas, como as hesitações, pausas, timbre de voz, etc). Tais conceitos serão usados como ponto de partida deste trabalho e auxiliarão na interpretação e análise das atividades comunicativas em situações de entrevista.

Focalizaremos-nos na *interação* não apenas no entrevistador e entrevistado (eu-tu), mas na relação coconstruída entre ambos, consideraremos, em nossa leitura, o fato de que o lugar em que o participante se encontra deve ser um dos primeiros elementos a se considerar, de sorte que analisar a situação sócio-discursiva em que o indivíduo se insere é fulcral. Ademais, a fim de atingir tal desiderato, abordaremos, a seguir, noções sobretudo significantes para o paradigma interacional, quais sejam: enquadre, *footing* (GOFFMAN, 1964, 1974), organização sequencial de fala (SACKS, JEFFERSON E SCHEGLOFF, 1974) e a fala institucional (JUNG; LODER, 2009).

No que tange o contexto situacional, Tannen e Wallat (2002, p. 186) afirmam que para a compreensão da interação deveremos levar em conta um contexto específico. Assim, sempre que “as pessoas estão na presença uma das outras, todos os seus comportamentos verbais e não-verbais são fontes potenciais de comunicação”, no entanto, “suas ações e intenções de significado podem ser entendidas somente com relação ao contexto imediato, incluindo o que antecede e o que pode sucedê-lo” (ob. cit.). Tentaremos, em nossa análise, situar nosso leitor no contexto que remete ao momento da interação com a participante Maria (nome fictício).

Algumas das características que devem ser analisadas são o cenário e os participantes. A entrevista foi realizada na cidade de Serra, estado do Espírito Santo, no interior de uma instituição de longa permanência, intitulada Abrigo das Flores (nome fictício). A instituição se localiza próximo à principal avenida da cidade, acessível, portanto, por transporte público. Em janeiro de 2012, o quadro de funcionários era composto por 22 funcionários. Neste mesmo período 44 idosos estavam abrigados na instituição. A formação da instituição se deu após a morte de João (nome fictício), que tinha o sonho de construir um abrigo para idosos que necessitavam de cuidados. Seu filho doou o terreno para realizar o sonho de seu pai, construindo, assim, uma instituição filantrópica.

Tendo em vista que o sujeito com o qual interagimos é uma idosa que reside nesta instituição, cremos ser necessário trazer para nossa discussão a afirmação de Scharfestein (2006) a propósito do idoso e a imagem construída socialmente destes sujeitos por vezes marginalizados.

Nas sociedades tradicionais a figura do idoso é marcada por uma aura simbólica, tornando-o representante da sabedoria e da experiência vivida que se constituem em valores preciosos a serem transmitidos para as novas gerações. Este é o caso dos xamãs e dos pagés [sic] nas sociedades indígenas.

Também na Grécia antiga, o chefe da *polis* era assistido por um conselho de anciãos. Tanto que, do ponto de vista semântico, as palavras gregas - *gera* e *géron*, designam não só a idade avançada, mas também o privilégio da idade, o direito de ancianidade. (SCHARFSTEIN, op. cit., p. 45)

De acordo com o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 14,5 milhões de idosos residem no Brasil, o que representa 8,6% de sua população total. Comparado aos anos anteriores, segundo dados desse mesmo instituto, nota-se um envelhecimento da população e, assim, um aumento do número de idosos no país. Em razão do aumento da população nesta faixa, houve um crescimento, nas últimas décadas, de estudos relacionados à velhice como um problema social (PASQUALOTTI, 2008, p. 70). O surgimento, no início do século XX, de *asilos dos velhos* foi uma das formas de “administrar” o aumento da expectativa de vida, além da adoção de outras medidas, tais como o início da gerontologia como ciência sobre o envelhecimento e a implantação da aposentadoria (PASQUALOTTI, 2008, p. 71).

Paralelamente, a sociedade, de modo geral, e os núcleos familiares, de modo específico, vêm se transformando ao longo do tempo. Hoje, com o decréscimo da quantidade de membros das famílias brasileiras e com o crescente número de mulheres no mercado de trabalho (dados do mesmo censo), o idoso, que precisa de cuidados e atenção, fica desamparado. Dessa forma, o Estado passou a se responsabilizar, junto com os familiares, pelos idosos. De acordo com a Constituição Federal de 1988, no artigo 230, “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. Ainda de acordo com a Carta Magna, a família tem a responsabilidade de cuidar do idoso isto é, pela lei, a família deve necessariamente se encarregar de todos os cuidados necessários para sua subsistência, sua saúde e seu lazer. Por tais razões, em situações em que os familiares não têm condições de cuidar de seus idosos, devido a problemas financeiros, de saúde, de moradia, etc., o Estado *deve* assegurar sua proteção. Ainda neste atual contexto sócio-histórico, tem-se o surgimento de instituições privadas que abrigam essa população, no entanto, elas correspondem um privilégio das famílias abastadas.

Com o objetivo de mitigar o uso da palavra *asilo*, considerada delicada e dolorosa, atualmente tais instituições recebem diversos nomes, como *lar de velhos*, *casa de repouso* e *abrigo*, entre outros. Segundo é estabelecido pela Política Nacional do Idoso (Decreto nº 1.948, de 1996), em seu artigo terceiro, é entendido por modalidade asilar “o atendimento, em regime de internato, ao idoso sem vínculo familiar ou sem

condições de prover a própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social”. No parágrafo único do mesmo diploma legal tem-se que “a assistência na modalidade asilar ocorre no caso da inexistência do grupo familiar, abandono, carência de recursos financeiros próprios ou da própria família”.

A sociedade ocidental criou este tipo de instituição com a finalidade de serem, ao menos na teoria, inclusivas e de refúgio voluntário; entretanto, como pudemos observar na pesquisa de campo, as pessoas que por elas são atendidas por este tipo de instituição não têm escolha para onde ir, a não ser estar no abrigo de idosos, local que, na maior parte dos casos que nos deparamos, não corresponde ao seu desejo. A situação piora quando pensamos que, por direito, os idosos *devem* ser cuidados pela família. Um dos fatores que influenciam a escolha familiar é a situação econômica, de sorte que em núcleos familiares menos privilegiados economicamente questionamentos de ordem financeira como: “teremos tempo para um idoso, que não possui força de trabalho, não produz e gera gastos?”, são levantados.

Por outro lado, também pudemos perceber, na interação com esses idosos, elementos sociais comuns: em primeiro lugar, a maioria das mulheres era dona de casa ou possuía algum trabalho socialmente desprestigiado, como empregada doméstica, assim como os homens, os quais tinham por ofício serviços relacionados com construção civil e comércio varejista; em segundo lugar, todos possuíam um grau de escolaridade inferior ao Ensino Médio. Talvez o aspecto partilhado pelos membros desta comunidade mais relevante seja exatamente a condição econômica; condição esta capaz de impossibilitar que uma família assumisse financeiramente e cuide afetivamente de um ente querido.

Após tratarmos do contexto em que se deu a conversa, passaremos, pois, a discorrer acerca das categorias denominadas *enquadre* e *footing*. Quando dizemos alguma coisa que queremos que seja interpretado como piada, esperamos que a outra pessoa envolvida na interação entenda o enunciado enquanto uma piada. É por isso, que Débora Tannen e Cynthia Wallat (2002) afirmam que “para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante) deve saber de qual enquadre ela foi composta, por exemplo, será que é uma piada? Será que é uma discussão?” (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 188). As autoras ressaltam que “a noção interativa de enquadre, então, refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem” (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 189).

A noção de *enquadre* foi primeiramente apresentada pelo teórico Gregory Bateson, mas foi desenvolvida posteriormente pelo Erving Goffman numa publicação de 1974 (RIBEIRO; GARCEZ, 1998, p. 70). Acreditamos que este dispositivo de análise corresponde a um dos conceitos mais importantes para a Sociolinguística Interacional, tendo em vista sua dimensão interacional e objetivo interpretativista.

O *enquadre* situa a metagem contida em todo enunciado, indicando como sinalizamos o que dizemos ou fazemos ou sobre como interpretamos o que é dito e feito. Em outras palavras, o *enquadre* formula a metagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem. Goffman afirma que, em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente introduzindo ou mantendo *enquadres* que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional. Indagam sempre “onde se situa esta interação?” e “o que está acontecendo aqui e agora?” (RIBEIRO; GARCEZ, 1998, p. 70).

Assim, o *enquadre* de Goffman (1974) auxilia analistas do discurso, a interpretar como as pessoas, no momento da interação, tentam exercer seu papel social dentro da conversa, bem como na percepção e busca de sentido dos próprios participantes da conversa. Nesse diapasão, importante noção para análise de método qualitativo é o que Goffman denominou por *footing*, o qual representa “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M., 1998, p. 70).

Por esta razão as duas categorias são interligadas umbilicalmente, assim, nas palavras de Tannen e Wallat (2002, p. 189), o sociólogo “introduziu o termo *footing* para descrever como os participantes *enquadram* os eventos e ao mesmo tempo negociam as relações interpessoais, ou “alinhamentos” que constituem os eventos”. Em outras palavras, quando há uma mudança de *footing* numa interação, Goffman afirma que esta mudança “está comumente vinculada à linguagem; quando este não for o caso, ao menos podemos afirmar que os marcadores paralinguísticos estarão presentes. Assim, os sociolinguistas podem contribuir ao estudo de *footing*, inclusive quanto aos exemplos mais sutis” (GOFFMAN, 1979, p. 75).

Lançadas tais noções, passamos a abordar a denominada *fala institucional*. Tal temática se faz presente neste artigo, pois em alguns momentos de nossos dados, há uma mudança de *enquadre* que reflete a coconstrução de identidade dos participantes em um cenário institucional. Segundo Paul Drew e John Heritage (1992, p. 03), interações institucionais podem ocorrer dentro de um designado contexto físico, por

exemplo, uma escola, uma instituição asilar, um consultório médico, uma sala de tribunal, etc.. Entretanto, “they are by no means restricted to such settings” (DREW; HERITAGE, 1992, p. 03).

Just as people in a workplace may talk together about matters unconnected with their work, so too places not usually considered “institutional”, for example, a private home, may become the setting for work-related interactions. Thus the institutionality of an interaction is not determined by its setting. Rather, interaction is institutional insofar as participants’ institutional or professional identities are somehow made relevant to the work activities in which they are engaged (DREW; HERITAGE, 1992, p. 03).

Isso quer dizer que a fala institucional não é determinada pelo contexto físico, visto que pode haver momentos numa escola, por exemplo, considerada institucional, que os professores estarão interagindo sobre um fato da família e não sobre qualquer coisa que tenha acontecido na escola, no papel de professor.

As interações institucionais orientam-se e são organizadas para o cumprimento de uma tarefa pertinente à instituição em questão. No caso de uma escola, a tarefa maior e que norteia as práticas seguidas é realizar aulas; em um tribunal, o objetivo é julgar processos legais, e em uma clínica médica, a ordem do dia é fazer diagnósticos e prescrever tratamentos. (DEL CORONA, 2009, p. 17)

Ainda que, segundo Garcez (2002, p. 58), a pragmática tenha mostrado que a “linguagem natural humana em uso é sempre guiada por metas”, ele afirma que no tipo de conversa institucional, “essas metas não são postulados universais em termos de uso da linguagem, mas são, isto sim, orientações compartilhadas entre os interlocutores nessa *situação*”. Baseado então, nas três características gerais da fala institucional dadas por Drew e Heritage (1992), “(i) orientação para o cumprimento do mandato institucional; (ii) restrições às contribuições aceitas; e (iii) inferência de enquadres e procedimento” (*apud* DEL CORONA, 2009, p. 16), Garcez conclui que essas metas são “específicas do encontro social em andamento e específicas, também, das identidades institucionais que os participantes tornam relevantes ao construírem esta interação que se desenrola aqui, agora” (GARCEZ, 2002, p. 58).

Contudo, o incessante trabalho de um analista do discurso, de procurar interpretar minuciosamente o diálogo exposto numa interação institucional, remete à necessidade de conhecer o contexto em que foi produzida a conversa e o envolvimento dos participantes nesses encontros.

Análise dos dados

Os dados a serem analisados correspondem a um trecho de aproximadamente cinco minutos de uma conversa com Maria (nome fictício), que apresenta características elementares para compreendermos o que pode acontecer na interação entre uma estudante e uma pessoa idosa, que vive numa instituição de longa permanência.

Estivemos com Maria no segundo dia em que fomos à instituição. Conversamos um pouco e ela se mostrou disposta a conversar. No dia seguinte, a convidamos para participar da entrevista e ela aceitou sem nenhum problema. Ela tem oitenta anos, está há seis meses na instituição (em janeiro de 2012). Tem três filhos e nasceu e viveu no estado da Bahia, no interior, na roça, onde trabalhava cuidando de sua plantação. Segundo Maria, ela não sabe ler e só escreve o nome. Nanci, filha mais velha e que mora no estado da Bahia, vendeu o terreno da idosa, deixando a mãe sem lugar para morar; o filho do meio trabalha viajando pelo país; e o filho mais novo mora no estado do Espírito Santo, onde foi deixada por Nanci. Um mês depois que Maria estava na casa de seu filho mais novo, foi levada por ele ao Abrigo, onde permanece desde então. A entrevista durou 27 minutos e cinquenta e três segundos. Aqui apresentaremos o trecho de 5 minutos e vinte segundos até os 10 minutos e quarenta e quatro segundos. Ressaltamos, desde logo, que a transcrição de tal intervalo se encontra nos anexos do presente artigo.

(Tabela 01)

	02	Maria	é::: ele e aquele mais quatro filho, tem os dois filho rapaz... tem duas filha já solteira...tem uma chegando já ficando mocinha...tem outro mais pequeno..., tem os...os netos. Tá tudo dentro de casa mais ele.
	03	Mariana	nossa:: uma família grande, né?
	04	Maria	é::e eu to aqui SOFREND0!
	05	Mariana	Você ficou doente na casa dele?
	06	Maria	Ele nunca veio aqui...é.. me botou aqui = no dia que ele veio me trazer... ele e uma dona veio me trazer aqui = me botou aqui = e nunca mais pisaram o pé aqui. A dona ainda veio uma vez e ele não veio mais nunca.
	07	Mayara	E a Nanci veio te visitar?
	08	Maria	E é ma = e é fácil = e é perto daqui. Osmario...se chama Osmario.

Na linha 05 Mariana pergunta à Maria: *Você ficou doente na casa dele?* Referindo-se ao filho que morava com ela antes de deixá-la na instituição. Em resposta, a entrevistada não se refere ao que foi perguntado, mas parece dar continuidade ao pensamento da linha 04, quando ela diz que está SOFREND0. Mayara, então pergunta, na linha 07, *a Nanci veio te visitar?*, mencionando sua filha e relacionando com o que

Maria disse na linha 06, em que o filho nunca foi visitá-la. Mesmo assim, na linha 08, Maria não responde a pergunta feita, dizendo, no entanto, que seu filho mora perto e o nome dele. Nesse tipo de situação a entrevistada parece querer reforçar o quanto ela está sofrendo e que seus filhos não se importam com ela. Pode-se perceber, nas mudanças de turnos que ao dizer que está SOFREND0, de maneira direta, ignorando as perguntas das entrevistadoras Maria reforça sua situação atual, não deixando dúvidas quanto ao contexto situado: uma pessoa que foi “abandonada” pelos filhos numa instituição.

(Tabela 02)

	11	Mariana	Ele nu... nunca veio te visitar?
	12	Maria	Não. ((negação com a cabeça))

Nesse trecho, talvez se não tivéssemos gravado a conversa em imagem, não poderíamos interpretar tal situação. Na transcrição, a sinalização da “negação com a cabeça” e a imagem assistida minuciosamente, permite-nos admitir um momento lúgubre da participante, leitura que só é possível por levar em conta fenômenos paralinguísticos que envolveram a conversa situada no contexto institucional e a lembrança insurgida do evento narrado. O gesto de negar com o corpo se manifesta de modo natural, numa sequência de três situações narradas: “a descrição das pessoas que moram na casa do filho”, o “sentimento atual” e “a descrição do dia que ela entrou na instituição”.

(Tabela 03)

	17	Mariana	A senhora era casada?
	18	Maria	Era... casada.
	19	Mariana	E se é... o seu marido ele mor...
	20	Maria	[O marido morreu... Tive dois marido, todos dois morreu.
	21	Mariana	Cê teve [quantos?
	22	Maria	[Um casada e o outro que amasiei que depois. o.o. largou eu... ele largou por causa de outra mulher, o casado. Aí eu me arru...rumei mais outro homi e vim morar... Graças a Deus.. era TÃO BOM.... era TÃO BOM... era... ÓTIMO ((cabeça levantada para cima)) E ele... e::: ele °morreu°. Morreu o casado morreu o amasiado.
	23	Mayara	Uhum.
	24	Mariana	E já tem quanto tempo que isso aconteceu?
	25	Maria	Heim?
	26	Mariana	Cê tá solteira a quanto tempo? ((Risos))
	27	Maria	Tem mais de (3.10) doze anos já.
	28	Enfermeira	Cês são o quê? Cês são o quê?
	29	Mariana	Estuhhdantehh.
	30	Enfermeira	Fazendo uma avaliação, né?
	31	Mariana	Éhh.
	32	Enfermeira	ela responde certim.
	33	Mariana	é... e::: o que que você faz durante o dia?
	34	Maria	Heim?
	35	Mariana	Que que cê faz durante o dia aqui? Que que tem [pra fazer?

36	Maria	[Tra...ba... trabalhava na roça mais ele.
37	Mariana	Ah:: an... antigamente, né?

Em dois momentos uma mesma enfermeira interrompeu nossa conversa. A primeira interrupção foi entre as linhas 28 e 32, quando muda o enquadre, por ela questionar às entrevistadoras quem são e o que estão fazendo ali. Depois, mesmo tentando mudar o enquadre para o presente, perguntando na linha 33, *o que você faz durante o dia*, Maria retoma o passado, já que estávamos falando sobre, antes da enfermeira interromper, da linha 15 até a linha 27. Desse modo, nessas linhas, de 28 à 32, há uma mudança de enquadre institucional. Há um afastamento da interação com a Maria, e o enquadre modifica para as estudantes e a enfermeira, quando esta última questiona quem somos e o que estamos fazendo. Na linha 32, ao dizer *ela responde certim*, foi uma maneira de falar que ela colabora, construindo sua identidade de enfermeira.

Marcando uma mudança de turno, cuja estratégia comunicativa é sinalizar seu papel social e lugar que ocupa no espaço institucional, fazendo, de modo difuso, com que as pesquisadoras fossem situadas no espaço que a participante (enfermeira) lhes quer conferir.

Na linha 33, também podemos notar um auto reparo (é... e::). Uma sinalização que a conversa foi interrompida e acontece uma hesitação em querer continuar/voltar a conversa. Assim como, na linha 37, mas dessa vez um reparo regressivo, já que é perguntado à Maria o que ela faz atualmente e a participante responde o que ela fazia antigamente, sinalizado com “Ah:: an”.

(Tabela 03)

41	Mariana	Uhum. Cê gostava da vida que cê tinha, né?
42	Maria	Hum?
43	Mariana	Cê gostava de trabalhar na roça?
44	Maria	Ér... é...
45	Mariana	Gostava?
46	Maria	Gostava.
47	Mariana	Mas e aqui... o que... cê... você gosta de assistir televisão?
48	Maria	Heim?
49	Mariana	Cê gosta de assistir televisão?
50	Maria	Aqui?
51	Mariana	É..
52	Enfermeira	Fica a vontade.
53	Mariana	brigada.
54	Maria	Eles tem televisão aí, ó. Mas... sent... faz em quando... mas minha... minha visão... <u>eu vejo</u> lá passando lá, mas eu não posso... assim... ju... ju... julgar quem é... <não>... por causa da vista.

Outro momento de interrupção da enfermeira foi na linha 52, que sai da sala dizendo, *fica a vontade*. Antes disso, no momento em que ela entrou na sala, no trecho entre a linha 41 e 53 podemos perceber que Maria responde de uma maneira mais curta e isso pode se justificar pela presença da enfermeira. Levando em conta que estávamos na sala de enfermagem, onde as enfermeiras efetuam seus trabalhos, esse momento em que a enfermeira diz *fique a vontade* foi para registrar lexicalmente o seu espaço e que estávamos, de certa forma, invadindo o território sobre o qual ela tem poder. Assim que a enfermeira sai, na linha 53, Maria volta a responder com enunciados longos já na próxima linha 54.

Apesar de “o que define uma fala como institucional não é o contexto físico onde ela acontece” (DREW; HERITAGE, 1992, p. 3), toda a conversa aqui analisada quando a enfermeira fez suas interrupções, acreditamos que tenha ocorrido pelo contexto físico onde estávamos. Correndo risco de sermos criticadas por caracterizar categorias de identidade social, como fazemos com a enfermeira, buscamos compreender o porquê de ela ser a única funcionária que entrou na sala enquanto fazíamos as entrevistas e a necessidade de interrupção duas vezes da nossa conversa com Maria. Além disso, toda a interação dirige a consequência de sua presença na instituição, fazendo sentido na construção do seu discurso como integrante e não satisfeita.

Algumas escolhas lexicais feitas por Maria fazem com que identifiquemos um enquadramento que condiz com o lugar situado, o cenário, palavras como, *sofrendo* (linha 04), *to aqui* (linha 69), *o jeito é morre aqui mesmo* (linha 64), *ele nunca veio aqui* (linha 06), *nunca vieram aqui* (linha 14).

(Tabela 04)

59	Mariana	Cê tem é - Quem foi que falou mesmo que era amiga dela.. ontem.. Foi a Maria Benedita, não foi?
60	Mayara	Foi
61	Mariana	Maria Benedita falou que... que quem ela gosta mais de conversar é a senhora.

A conversa fluiu de modo tão natural que as participantes em certo momento não estavam presas à forma tradicional de entrevista, em que o entrevistador faz uma pergunta para o entrevistando, e este responde, como podemos perceber na linha 59. Neste momento Mariana pergunta a Mayara (entrevistadoras), quem é a outra pessoa, com quem conversaram anteriormente. Esta última corrobora com a dúvida de Mariana

de se tratar ou não de Maria Benedita, uma das amigas da entrevistada, saindo, assim, da tradicional P/R/P/R feita por entrevistador e entrevistado.

(Tabela 05)

	70	Mariana	E:: seus filhos nem li... é:: chegaram a ligar pra você alguma vez?
	71	Maria	Heim?
	72	Mariana	Seus filhos... é:: nem chegaram a ligar pra:: pra você alguma [<vez>...

Na linha 70, na sequência da conversa, em que Maria estava demonstrando insatisfação com o lugar e a situação em que se encontrava, Mariana pergunta se os filhos chegaram a ligar para a idosa alguma vez, mas antes, a entrevistadora inicia o enunciado do seguinte modo: *e seus filhos nem li...* Mariana hesitou ao falar de uma forma mais direta, acreditando que poderia ser grosseira e impolida na pergunta *e seus filhos nem ligam pra você?*, mostrando claramente a indignação. Para amenizar, preferiu perguntar de outra maneira, tentando não mostrar a insatisfação por sua parte, já que só reforçaria uma situação difícil. Tal hesitação é o que poderíamos denominar de “auto reparo”. O contrário dessa situação ocorreu na linha 66, quando Mariana faz questão de reforçar que ela tem amiga na instituição, a Maria Benedita, que disse que adora conversar com ela:

(Tabela 06)

	61	Mariana	Maria Benedita falou que... que quem ela gosta mais de conversar é a senhora.
	62	Maria	((Risos))
	63	Mariana	((Risos))
	64	Mayara	((Risos))
	65	Maria	((Risos)).. é..[Eu
	66	Mariana	[Que ela gosta muito de você... a Maria Benedita. Ela falou que você é a pessoa que ela mais gosta de conversar!]

Noções-chave da Sociolinguística Interacional, tais quais de enquadre, de alinhamento e de reparo, se mostraram extremamente relevantes nos dados analisados por demonstrarem na conversa situada em instituição de longa permanência que há, de fato, um posicionamento do pesquisador em relação ao que está sendo objeto da conversa/objeto de estudo.

Mais do que isto, conceitos como tomada de turno sugeriram, no estudo em tela, que mais importante que o cumprimento da agenda delineada pelo pesquisador é a tomada da palavra por aquele que por vezes é silenciado ou que cuja voz não se tem interesse de ouvir. Tomar o turno, retornar ao que não foi exaustivamente falado, narrar um evento passado é também (re)construir identidades e (res)significar uma estória de vida.

Considerações finais

Este trabalho se pautou na perspectiva da Sociolinguística Interacional, de base qualitativa, na tentativa de analisar uma entrevista feita por duas estudantes com uma idosa. Percebeu-se que os fenômenos encontrados dentro da interação, tais como os diferentes enquadres, contexto, reparos e pistas linguísticas e para linguísticas, permitem a interpretação do que está acontecendo *aqui e agora*.

Vemos, então, que as situações comunicativas ajudam um profissional, na área da saúde, por exemplo, a entender o desejo, o sonho, a esperança, a raiva, a saudade, enfim, todo sentimento que cada indivíduo pode expressar numa determinada interação face a face. Nos discursos como um todo, percebemos que os idosos, ao interagir, admitem a difícil socialização dentro de uma instituição, inclusive Maria, participante da conversa analisada no presente trabalho.

Nesse sentido, este artigo discute importantes reflexões acerca da problemática social do idoso, principalmente aqueles que vivem em instituições de longa permanência. Sugerimos, então, o uso da interação, com base teórica na Sociolinguística Interacional para compreender cada indivíduo, estabelecendo uma união entre eles, proporcionando laços afetivos e alcançando melhores condições de vida. É claro que isso representa uma pequena parcela do que pode ser proposto para esses indivíduos. É necessária muita pesquisa e ação para mudarmos essa situação negligenciada. É necessário pensarmos, sobretudo, no nosso futuro.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 de junho de 2012.

BRASIL. Decreto nº 1948, de 03 de Julho de 1996. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1948.htm. Acesso em: 11 de junho de 2012.

DEL CORONA, Márcia. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. In LODER, L.L. e JUNG, N.M. (orgs.), *Análises em fala-em-interação institucional: A perspectiva da análise da conversa etnometodológica*. Campinas, Mercado de Letras, 2009.

DREW, P. & HERITAGE, J. Analyzing talk at work: An introduction. In P. Drew & J. Heritage (orgs.), *Talk at work: Interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- GARCEZ, P. M. *Formas Institucionais de fala-em-interação e conversa cotidiana: elementos para a distinção a partir da atividade de argumentar*. *Palavra* (PUC-Rio), Rio de Janeiro, v. 08, p. 54-73, 2002.
- GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, [1964] 2002. p. 13-20.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis*. Lebanon, NH: Northeastern University, [1974] 1986.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, [1979] 2002. p. 107-48.
- GUMPERZ, J.J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998, pp. 98-119.
- HYMES, D. Competence and performance in linguistic theory. *Acquisition of languages: models and methods*. Ed. Huxley and E. Ingram. New York: Academic Press, 1971, pp. 3-23
- IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico – Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADEIRA, W.T. *Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional*. *Revista de C. Humanas*, V. 07, n 01, p. 43-46. Jan/Jun, 2007.
- LODER, L.L. e JUNG, N.M. (orgs.), *Análises em fala-em-interação institucional*. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica. Campinas, Mercado de Letras, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- NASSER, A.; OUSHIRO, L. *Perguntas e Respostas em entrevistas sociolinguísticas*. Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação II. São Leopoldo - RS : Casa Leiria, 2010. Disponível em http://usp-br.academia.edu/LiviaOushiro/Papers/1008535/Perguntas_e_respostas_em_entrevistas_sociolinguisticas. Acesso em: 26 de junho de 2012.
- PASSUELO, C. B., OSTERMANN, A. C. *Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção: considerações sobre o gerenciamento de impressões*. *Estudos de Psicologia*, 2007, n. 12 (3), pp. 234-251. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n3/a06v12n3.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2012.
- PASQUALOTTI, A. *Comunicação, tecnologia e envelhecimento: significação da interação na era da informação*. 2008. 198 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação, Programa de Pós Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- PEREIRA, Maria das Graças Dias (org). *Interação e Discurso: estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional/Áreas de interface*. *Volume Temático*, paLavra 8, 2002.
- PHILIPS, S.U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998, pp. 16-30.
- PSATHAS, George. *Conversation Analysis. The study of talk-in-interaction*. Thousand Oaks,

Sage Publications, 1995.

RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. *A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation*. Language, Baltimore vol. 50, nº 4, 1974, pp. 696-735.

SCHARFSTEIN, E.A. *Instituições de Longa Permanência: uma alternativa de moradia para os idosos brasileiros na vida contemporânea*. Rio de Janeiro, UFRJ – Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado.

SILVA, C. R., ANDRADE, D. N. P., OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: uma breve introdução. *ReVEL*, vol. 07, n. 13, 2009 [www.revel.inf.br]

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, B. T. e PEDRO, M. G. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 2002, pp. 183-214.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. São Paulo, Papirus Editora, 1998.

Anexos

a. Entrevista dos 5: 20'' até 10:44''

	01	Mariana	mas mora todo mundo na mesma casa?
	02	Maria	é::: ele e aquele mais quatro filho, tem os dois filho rapaz... tem duas filha já solteira...tem uma chegando já ficando mocinha...tem outro mais pequeno..., tem os...os netos. Tá tudo dentro de casa mais ele.
	03	Mariana	nossa:: uma família grande, né?
	04	Maria	é::e eu to aqui SOFREENDO!
	05	Mariana	Você ficou doente na casa dele?
	06	Maria	Ele nunca veio aqui...é.. me botou aqui = no dia que ele veio me trazer... ele e uma dona veio me trazer aqui = me botou aqui = e nunca mais pisaram o pé aqui. A dona ainda veio uma vez e ele não veio mais nunca.
	07	Mayara	E a Nanci veio te visitar?
	08	Maria	E é ma = e é fácil = e é perto daqui. Osmario...se chama Osmario.
	09	Mariana	Ele nunca mais veio te visitar?
	10	Maria	Hum?
	11	Mariana	Ele nu... nunca veio te visitar?
	12	Maria	Não. ((negação com a cabeça))
	13	Mariana	Cê nunca recebeu visita desde que você entrou [aqui?]
	14	Maria	[NUNCA vieram aqui... nem me... me... me... me olhar, nem perguntá se eu tinha morrido, se tava viva.nem de. se tava viva... °Doente° ... ?agora minhas vistas... eu to cum as vista tudo... eu enxergo POUCO. eu não to enxergando assim porque eu to disca... do:: da:: ne...ainda não vi... (que tá ruim)
	15	Mariana	Entendi. E... a senhora foi casada?
	16	Maria	Heim?
	17	Mariana	A senhora era casada?
	18	Maria	Era... casada.

	19	Mariana	E se é... o seu marido ele mor...
	20	Maria	[O marido morreu... Tive dois marido, todos dois morreu.
	21	Mariana	Cê teve [quantos?
	22	Maria	[Um casada e o outro que amasiei que depois. o.o. largou eu... ele largou por causa de outra mulher, o casado. Aí eu me arru...rumei mais outro homi e vim morar... Graças a Deus.. era TÃO BOM.... era TÃO BOM... era... ÓTIMO ((cabeça levantada para cima)) E ele... e::: ele °morreu°. Morreu o casado morreu o amasiado.
	23	Mayara	Uhum.
	24	Mariana	E já tem quanto tempo que isso aconteceu?
	25	Maria	Heim?
	26	Mariana	Cê tá solteira a quanto tempo? ((Risos))
	27	Maria	Tem mais de (3.10) doze anos já.
	28	Enfermeira	Cês são o quê? Cês são o quê?
	29	Mariana	Estuhhdantehh.
	30	Enfermeira	Fazendo uma avaliação, né?
	31	Mariana	Éhh.
	32	Enfermeira	ela responde certim.
	33	Mariana	é... e::: o que que você faz durante o dia?
	34	Maria	Heim?
	35	Mariana	Que que cê faz durante o dia aqui? Que que tem [pra fazer?
	36	Maria	[Tra...ba... trabalhava na roça mais ele.
	37	Mariana	Ah::: an... antigamente, né?
	38	Maria	Ma mais o. mais o ca mais o amasiado...e... o... trabalhava na roça mais ele. Depois que morreu, pronto...
	39	Mariana	Cê trabalhava na roça, então.
	40	Maria	(Eu trabalhava mais)... o... na roça tinha cacau, tinha porção de fruta, nós plantava () feijão, feijão... arro... plantava cereais, né...
	41	Mariana	Uhum. Cê gostava da vida que cê tinha, né?
	42	Maria	Hum?
	43	Mariana	Cê gostava de trabalhar na roça?
	44	Maria	Ér... é...
	45	Mariana	Gostava?
	46	Maria	Gostava.
	47	Mariana	Mas e aqui... o que... cê... você gosta de assistir televisão?
	48	Maria	Heim?
	49	Mariana	Cê gosta de assistir televisão?
	50	Maria	Aqui?
	51	Mariana	É..
	52	Enfermeira	Fica a vontade.
	53	Mariana	brigada.
	54	Maria	Eles tem televisão aí, ó. Mas... sent... faz em quando... mas minha... minha visão... eu vejo lá passando lá, mas eu não posso... assim... ju... ju... julgar quem é... <não>... por causa da vista.
	55	Mariana	E você tem amigos aqui? Cê tem com quem conversar?
	56	Maria	Tem... ess[...
	57	Mariana	[Cê já arrumou amigos... assim,][nessa...
	58	Maria	[Essas mulher tudo conversa mais eu, né...]
	59	Mariana	Cê tem é - Quem foi que falou mesmo que era amiga dela.. ontem.. Foi a Maria Benedita, não foi?
	60	Mayara	Foi
	61	Mariana	Maria Benedita falou que... que quem ela gosta mais de conversar é a senhora.
	62	Maria	((Risos))
	63	Mariana	((Risos))
	64	Mayara	((Risos))

	65	Maria	((Risos)).. é..[Eu
	66	Mariana	[Que ela gosta muito de você... a Maria Benedita. Ela falou que você é a pessoa que ela mais gosta de conversar!]
	67	Maria	é... TO AQUIL..].
	68	Mariana	E você gostaria de sair daqui... cê gostaria de voltar pra Bahia...
	69	Maria	É... tinha vontade de ir me embora pra minha Bahia... mas como é que vai? Tem jeito não ((balançando a cabeça negativamente)) ... O jeito é MORRÊ AQUI MERMO Tô fi.=agora que ele completo o final... da... da... da... da volta...
	70	Mariana	E:: seus filhos nem li... é:: chegaram a ligar pra você alguma vez?
	71	Maria	Heim?
	72	Mariana	Seus filhos... é::: nem chegaram a ligar pra::: pra você alguma [<vez>...
	73	Maria	[NÃO] a Nanci ainda liga de São Paulo ainda, e ele daqui °nem nunca ligou°. e mora perto daqui... mora aqui na Avenida Vitória... aqui em baixo.

b. Convenções de Transcrição (adaptadas de estudos da Análise da Conversa (Saks, Schegloff e Jefferson, 1974), com incorporações de Loder e Jung, 2009)

Tempo	
...	Pausa não medida
(2.3)	Pausa medida
(.)	Pausa de menos de 2 décimos de segundo
Aspectos da produção da fala	
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
,	Entonação intermediária, de continuidade
-	Parada súbita
<u>Sublinhado</u>	Ênfase em som
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	Fala em voz baixa
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
: ou ::	Alongamentos
[]	Fala sobreposta
↑	Som mais agudo do que os do entorno
↓	Som mais grave do que os do entorno
Hh	Aspiração ou riso
.hh	Inspiração audível
Formatação, comentários, dúvidas	
=	Elocuções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
()	Fala não compreendida
(palavra)	Fala duvidosa
(())	Comentário do analista, descrição de atividade não vocal
Outros	
“palavra”	Fala relatada